

A Natureza Multifacetada da Sorte: Uma Análise Interdisciplinar das Origens, Impacto e Interpretações

I. Introdução

Este relatório empreende um exame abrangente e interdisciplinar da "sorte", abordando as suas definições, evolução histórica, mecanismos subjacentes, diversos efeitos e variadas percepções em diferentes disciplinas acadêmicas e contextos culturais. O objetivo é sintetizar perspectivas tanto de apoio quanto céticas, proporcionando uma compreensão matizada deste conceito humano tão difundido. O relatório está estruturado de acordo com dez áreas-chave, garantindo uma exploração sistemática e aprofundada do papel intrincado da sorte na experiência humana.

II. Definindo a Sorte: Etimologia e Significados em Evolução

O conceito de sorte, embora aparentemente universal, possui uma história linguística e conceptual rica e em evolução. A sua compreensão moderna é uma tapeçaria tecida a partir do uso histórico, interpretações culturais e perspectivas disciplinares.

Origem da Palavra “Sorte” em Diferentes Línguas

O substantivo inglês "luck" é uma adição comparativamente recente à língua, surgindo por volta da década de 1480. Entrou no inglês como um empréstimo, principalmente do baixo-alemão, holandês ou frísio (luk), que era uma forma abreviada de gelucke (cognato com o médio-alto-alemão gelücke).¹ Esta adoção

linguística sugere que a língua inglesa, antes do século XV, expressava noções de "boa fortuna" através de outros termos, como a palavra do inglês antigo "speed" (spēd), que abrangia significados mais amplos como prosperidade, lucro e abundância.⁴ A chegada de "luck" marcou, assim, uma mudança, focando mais especificamente na casualidade e em resultados imprevisíveis.

O contexto inicial para a entrada da palavra no inglês foi provavelmente o jogo, uma conotação que permanece detetável no seu uso moderno.⁴ Esta associação inicial destaca a ligação da sorte a processos aleatórios e resultados incertos. Indo mais atrás, o médio-holandês

gheluc e o médio-alto-alemão gelücke surgiram por volta do século XII, possivelmente derivando de uma raiz frâncica *galukki.¹ Isto ilustra as origens germânicas e a subsequente disseminação do termo por várias línguas europeias durante a Baixa Idade Média.

Para além do jogo, o termo encontrou aplicação prática em profissões com riscos inerentes. A saudação tradicional dos mineiros alemães, "Glück auf!" (que significa "sorte para!" ou "sorte em!"), tornou-se popular no final do século XVI. Esta saudação expressava uma dupla esperança: por boa fortuna na descoberta de minério valioso e por segurança no perigoso ambiente subterrâneo da mina.⁵ Isto demonstra como o conceito de sorte foi integrado na vida quotidiana como uma forma de aspiração e mitigação de riscos. De forma semelhante, a expressão "luck of the Irish" (sorte dos irlandeses) terá tido origem no notável sucesso de imigrantes irlandeses e mineiros irlandeses-americanos durante as corridas ao ouro e à prata no Oeste dos Estados Unidos em meados do século XIX, ligando a sorte percebida ao sucesso observado em empreendimentos de alto risco.⁵ Por outro lado, certos minerais, como a "pechblende" (mais tarde identificada como uraninita), foram apelidados de "minério de má sorte" por mineiros de prata do século XVII porque eram sem valor na altura, sublinhando como a fortuna ou o infortúnio percebidos podem estar diretamente ligados à utilidade económica e à compreensão tecnológica prevalecente dos recursos.⁵

Evolução do Significado de “Sorte” ao Longo do Tempo

O significado de "sorte" evoluiu consideravelmente para além das suas conotações

iniciais de jogo, tornando-se um conceito multifacetado. A pesquisa em psicologia do desenvolvimento indica que a compreensão da sorte pelas crianças progride com a idade. Inicialmente, por volta dos quatro anos, as crianças tendem a perceber a sorte simplesmente como um resultado positivo. À medida que amadurecem, particularmente por volta dos dez anos, a sua compreensão aprofunda-se para incluir a natureza inesperada de tais resultados, muitas vezes equiparando a sorte a "acaso".⁶ Esta progressão sugere uma mudança cognitiva de uma associação simplista com a positividade para uma compreensão mais matizada da aleatoriedade.

Entre os adultos, o termo "sorte" é frequentemente usado coloquialmente, como ao desejar "boa sorte" a alguém. No entanto, a pesquisa indica que as percepções dos adultos vão além de meros coloquialismos. Muitos adultos percebem a sorte como uma "força causal sobrenatural" que pode ser influenciada através do uso de objetos da sorte ou comportamentos específicos.⁶ Esta perspectiva contrasta com a de simplesmente ver a sorte como um sinónimo de "ser afortunado" ou "acaso".⁶ Esta dupla compreensão destaca a persistência do pensamento mágico juntamente com interpretações mais racionais na mente adulta. Alguns quadros académicos propõem um contínuo de conceitos de sorte, que vão desde a crença na sorte como uma força sobrenatural até à sua equivalência com o acaso. Outros modelos sugerem duas dimensões discretas: uma crença geral na sorte como uma força sobrenatural externa e uma crença na própria sorte pessoal, que são consideradas construtos distintos e não correlacionados.⁶ Esta distinção académica é crucial para compreender os variados impactos psicológicos das crenças na sorte.

Diferentes Definições em Várias Disciplinas

A natureza multifacetada da sorte é talvez melhor compreendida examinando as suas definições em várias disciplinas académicas.

Psicologia

Na psicologia, o conceito de sorte é abordado de vários ângulos. Jacqueline D. Woolley, professora de psicologia, define a sorte de três formas principais: como um evento sobrenatural, como uma explicação que os indivíduos usam para dar sentido a

certas ocorrências, e como um atributo pessoal possuído por um indivíduo.⁶ Este quadro abrangente capta as diversas formas como as pessoas internalizam e externalizam o conceito.

Uma elaboração adicional revela que a sorte é frequentemente conceptualizada como uma "força causal sobrenatural" que pode ser manipulada ou aproveitada através de objetos e comportamentos da sorte para produzir resultados positivos.⁶ Isto fala de um desejo humano fundamental de controlo sobre elementos imprevisíveis no seu ambiente. Além disso, a sorte serve como uma ferramenta explicativa para eventos incomuns ou inesperados, tanto positivos quanto negativos, como encontrar um lugar para estacionar numa cidade lotada. Quando estes resultados aleatórios ou casuais carregam uma forte valência emocional ou parecem altamente improváveis, são frequentemente rotulados como "sortudos".⁶ Isto destaca os processos emocionais e cognitivos envolvidos na atribuição de sorte a eventos. Finalmente, a sorte pode ser percebida como uma característica pessoal intrínseca, como quando um pai descreve o seu filho como uma "menina sortuda", implicando uma predisposição inerente à boa fortuna.⁶ Isto desloca o conceito de um evento externo para uma característica interna. A pesquisa psicológica distingue ainda entre uma "crença na sorte" geral (como um fenómeno externo, determinístico) e uma "crença na sorte pessoal" (uma auto-percepção de ser afortunado), descobrindo que estes são construtos distintos e muitas vezes não correlacionados que afetam o bem-estar de forma diferente.⁸

Filosofia

As interpretações filosóficas da sorte centram-se frequentemente na noção de que os eventos de sorte são aqueles "fora do nosso controlo".⁹ Esta falta de controlo é um elemento fundamental em muitas abordagens filosóficas. Desta perspetiva, a sorte não é uma força ou agência ativa, mas sim um "reflexo de um facto da vida" onde certos resultados simplesmente não podem ser antecipados pelas mentes humanas.¹⁰ Isto enquadra a sorte mais como uma limitação epistemológica do que como uma entidade ontológica.

Abordagens filosóficas mais rigorosas definem frequentemente a sorte através de duas condições necessárias: "significância" e "acaso".¹¹ Significância implica que um evento deve ser de alguma forma bom ou mau para um sujeito ser considerado sortudo. O acaso, a segunda condição, é frequentemente explicitado em termos de fragilidade modal (o evento poderia facilmente não ter ocorrido), ausência de

controlo ou baixa probabilidade.¹¹ Estas condições fornecem um quadro estruturado para analisar eventos de sorte. Um ramo específico, a sorte epistémica, descreve qualquer circunstância em que uma pessoa chega fortuitamente ou acidentalmente a uma crença verdadeira.¹² Este conceito é amplamente considerado incompatível com o conhecimento genuíno, representando um desafio significativo para as teorias da justificação em epistemologia.

Religião

As visões religiosas do mundo abordam frequentemente a sorte com cautela ou rejeição total, subsumindo-a frequentemente sob conceitos de vontade divina ou causalidade. A palavra "sorte" em si não aparece na Bíblia (exceto em certas paráfrases), que em vez disso enfatiza a "providência" ou o controlo soberano de Deus sobre todos os eventos, mesmo aqueles que parecem aleatórios, como o lançamento de sortes.¹³ Isto reflete uma rejeição teológica do puro acaso, afirmando uma ordem divina.

Em contraste, algumas religiões orientais podem incorporar a crença de que a sorte pode ser influenciada ou controlada através de ações supersticiosas específicas ou ritos religiosos realizados para induzir poderes sobrenaturais e alterar a fortuna.¹³ Isto destaca um papel mais ativo para a intervenção humana na busca de resultados favoráveis dentro destes quadros espirituais. Algumas interpretações religiosas veem a sorte como um atributo "sobrenatural" inerente a uma pessoa ou objeto, ou como um resultado direto da disposição favorável ou desfavorável de uma divindade.¹⁶

As perspetivas religiosas específicas incluem:

- **Budismo:** Gautama Buda ensinou os seus seguidores a não acreditarem na sorte, enfatizando o karma (causalidade moral) como o princípio de que todos os eventos têm uma causa material ou espiritual.⁴ Apesar desta posição doutrinal, a crença popular na sorte, como o uso de amuletos da sorte para proteção, persiste em alguns países predominantemente budistas.⁴
- **Hinduísmo:** O Bhagavad-Gita prioriza o "Purushartha" (esforço humano) em detrimento da mera sorte ou destino.⁴ O Karma, um conceito central, funciona como um princípio de causa e efeito, onde as intenções e ações dos indivíduos influenciam diretamente o seu futuro.¹⁹
- **Islão:** Geralmente opõe-se ao conceito de sorte, enfatizando a confiança e a

dependência em Deus Todo-Poderoso acima de quaisquer outros meios.¹⁸

- **Cristianismo e Judaísmo:** Estas fés abraâmicas sustentam que não existe puro acaso ou sorte, pois acredita-se que Deus está no controlo de todos os eventos e é capaz de influenciar até mesmo ocorrências aparentemente aleatórias.¹⁸

As diversas definições disciplinares de sorte são resumidas na Tabela 1, ilustrando as lentes distintas através das quais este conceito é compreendido.

Tabela 1: Definições Disciplinares de Sorte

Disciplina	Definição(ões) Chave	Princípio Central
Psicologia	Um evento sobrenatural; uma explicação para eventos; um atributo pessoal; uma força causal sobrenatural; uma auto-percepção de ser afortunado.	Percepção/Cognição; Controlo/Causalidade
Filosofia	Eventos fora do nosso controlo; um reflexo de factos da vida não antecipados; um evento que é significativo e casual (fragilidade modal, ausência de controlo, baixa probabilidade); crença verdadeira accidental (sorte epistémica).	Controlo/Causalidade; Limitação Epistemológica
Religião	Cristianismo/Judaísmo: Providência/Vontade soberana de Deus; rejeição do puro acaso. Religiões Orientais (Budismo, Hinduísmo, Taoísmo): Resultado do karma/dharma; força sobrenatural/favor da divindade (crença popular); geralmente oposto na doutrina. Islão: Oposto; confiança central em Deus.	Ordem Divina/Moral; Causalidade

A análise destas definições revela uma tensão fundamental na forma como a sorte é compreendida: é percebida tanto como uma força externa, aparentemente sobrenatural, quanto como um atributo pessoal interno ou um quadro explicativo. Esta

dualidade não é meramente uma distinção acadêmica, mas tem implicações profundas para a agência e o comportamento humanos. Se a sorte é uma força externa, a influência humana é limitada, o que pode levar à passividade. No entanto, se é um atributo ou explicação interna, então a percepção e os processos cognitivos de um indivíduo desempenham um papel significativo na sua manifestação. Esta tensão subjacente liga-se diretamente a discussões sobre vieses psicológicos, como a ilusão de controlo, e a noção popular de "criar a própria sorte". A evolução do próprio termo, desde as suas origens como termo de jogo (implicando aleatoriedade e influência externa) até ao seu uso atual como traço pessoal (sugerindo influência interna), espelha esta mudança conceptual em curso.

Além disso, o conceito de sorte desempenha uma função psicológica e social crucial: fornece um quadro narrativo para lidar com a aleatoriedade e incerteza inerentes à existência. Ao rotular resultados inexplicáveis como "sorte", os indivíduos podem atribuir significado a eventos de outra forma caóticos, sejam eles positivos ou negativos. Este processo de "criação de significado", que é evidente na emergência relativamente tardia da palavra "sorte" em comparação com termos mais antigos para fortuna, permite que os indivíduos lidem com a imprevisibilidade. Funciona como uma ferramenta cognitiva, proporcionando uma sensação de conforto ou explicação num mundo onde a previsão completa é impossível. Esta perspetiva alinha-se com teorias científicas que quantificam a aleatoriedade, pois destaca a necessidade humana de impor ordem e causalidade a fenómenos que desafiam uma explicação simples.

III. Interpretações Filosóficas da Sorte

O discurso filosófico tem lidado há muito tempo com a natureza da sorte, a sua relação com a agência humana, a moralidade e a própria estrutura da realidade. Grandes filósofos ofereceram perspetivas distintas, contribuindo para uma compreensão rica e complexa.

As Perspetivas dos Filósofos sobre a Sorte

Aristóteles

Aristóteles foi o primeiro filósofo a fornecer uma explicação sistemática da sorte (hê tuchê), integrando-a como um tópico significativo tanto na física quanto na ética.²¹ Ele criticou os seus predecessores por reconhecerem a sorte como uma causa sem explicar adequadamente a sua relação com a arte, a natureza e a necessidade, sinalizando a sua ambição por uma compreensão mais abrangente da causalidade.²¹

Na sua filosofia física, Aristóteles navegou num meio-termo em relação às ocorrências espontâneas. Ele aceitou que alguns fenómenos em zonas terrestres, como a geração espontânea de certas plantas e animais, poderiam ocorrer por acaso. No entanto, ele manteve que a maioria e as coisas vivas mais significativas exigem a reprodução de formas naturais, afirmando que nem a espontaneidade nem a sorte poderiam explicar estas.²¹ Isto demonstra a sua visão matizada sobre a extensão da aleatoriedade no mundo natural.

Eticamente, Aristóteles também procurou uma perspectiva equilibrada. Ele reconheceu a realidade inegável tanto da boa quanto da má sorte, citando casos em que indivíduos inteligentes poderiam sofrer infortúnios apesar das suas capacidades.²¹ Embora ele visasse minimizar o impacto da sorte na moralidade, ele acabou por concluir que algumas formas de "sorte moral" são inevitáveis, mesmo que possam ser reduzidas a fatores causais subjacentes como a natureza e a inteligência.²¹ Esta dificuldade percebida em eliminar completamente a sorte moral tornou-se uma preocupação central para a filosofia moral subsequente. Aristóteles sublinhou que, para que a virtude e o vício sejam objetos apropriados de louvor e culpa, a moralidade deve excluir causas "não dependentes de nós", como a sorte e a natureza, restringindo assim o âmbito da agência humana.²¹

Um exemplo clássico fornecido por Aristóteles ilustra a sorte acidental: um homem, ao visitar o mercado para comprar romãs, encontra inesperadamente o seu devedor e cobra-lhe o dinheiro que lhe era devido. A cobrança do dinheiro, embora um resultado desejado, foi um bônus acidental resultante de uma ação empreendida com um propósito diferente.²² Isto destaca a natureza fortuita e não intencional de muitos eventos de sorte. Aristóteles também ponderou o fenómeno de uma pessoa "consistentemente sortuda" que tem sucesso "sempre ou na maioria das vezes" sem depender de deliberação racional, particularmente em campos de alto risco como assuntos militares ou pilotagem. Ele especulou que esta boa fortuna consistente poderia advir de uma "habilidade" inata ou disposição natural, em vez de pensamento

consciente, sugerindo uma forma de sorte intuitiva ou inerente.²²

Nietzsche

Friedrich Nietzsche, através da voz do seu profeta filosófico Zaratustra, oferece uma reinterpretação radical da boa fortuna. Zaratustra sugere que um indivíduo deve sentir "vergonha" quando o "dado lhe é favorável", levantando a questão: "serei eu um jogador batoteiro?".²³ Esta perspectiva desafia a satisfação humana convencional derivada do sucesso, propondo que tal vergonha indica um apego persistente ao ego e ao instinto de autopreservação.²³

Para Nietzsche, a pessoa comum abraça e consolida o sucesso mundano. No entanto, o personagem que Zaratustra admira é perturbado pela boa fortuna porque a sua aspiração mais profunda não é acumular ganhos mundanos, mas "perecer" – entendido como uma dissolução do ego e uma transformação radical do eu.²³ Esta visão critica fundamentalmente os valores sociais modernos que priorizam o sucesso, a segurança e a validação externa, sugerindo que a verdadeira libertação reside em transcender o próprio "jogo" da vida, em vez de o vencer.

Kant

A filosofia ética de Immanuel Kant opõe-se fortemente à ideia de que a sorte deve influenciar o julgamento moral. Kant acreditava firmemente que "a boa ou má sorte não deve influenciar nem o nosso julgamento moral de uma pessoa e das suas ações, nem a sua autoavaliação moral".²⁵ Para Kant, o valor moral de uma ação deriva unicamente da "boa vontade" – a intenção por trás da ação – em vez das suas consequências ou do sucesso do seu resultado.²⁵ As ações morais, na sua visão, devem ser realizadas livremente e estar inteiramente dentro do controlo consciente de um indivíduo.²⁵ Ele argumentou que "não pode haver risco moral", o que significa que o estatuto moral de um ato permanece independente de como os eventos se desenrolam fortuitamente.²⁵

No entanto, esta estrita posição kantiana tem sido desafiada por filósofos contemporâneos como Thomas Nagel, que desenvolveu o conceito de "sorte moral".

Nagel argumenta que "um aspeto significativo do que alguém faz depende de fatores fora do seu controlo, mas continuamos a tratá-lo, nesse aspeto, como objeto de julgamento moral".²⁶ Nagel identificou quatro categorias de sorte moral:

1. **Sorte constitutiva:** O tipo de pessoa que se é, incluindo inclinações, capacidades e temperamento.²⁵
2. **Sorte circunstancial:** Os problemas e situações específicas que um indivíduo enfrenta.²⁵
3. **Sorte nas causas da ação:** Como as ações de alguém são determinadas por circunstâncias antecedentes.²⁵
4. **Sorte na forma como as ações e projetos de alguém se desenrolam (sorte resultante):** Os resultados reais dos empreendimentos de alguém.²⁵

O quadro de Nagel destaca a realidade perturbadora de que, embora a intuição comum sugira que a moralidade deve ser imune à sorte, na prática, fatores externos frequentemente influenciam as nossas avaliações morais, criando um paradoxo que permanece um problema central na teoria moral.²⁵

Interpretações Existencialistas e Deterministas

O panorama filosófico inclui também escolas de pensamento mais amplas que interpretam a sorte através da lente do livre-arbítrio versus resultados predeterminados.

Determinismo

Os deterministas, que postulam que cada evento é causalmente determinado por uma cadeia ininterrupta de ocorrências anteriores, deixam pouco espaço conceptual para a "sorte" como um fenómeno verdadeiramente aleatório ou incausado. A famosa afirmação de Albert Einstein, "Deus não joga aos dados com o universo", encapsula este ponto de vista determinista.¹⁰ Desta perspetiva, o que parece ser sorte é meramente um reflexo das limitações epistémicas humanas – uma incapacidade de prever ou controlar todos os resultados devido ao conhecimento incompleto dos mecanismos causais do universo.¹⁰ Mesmo que um evento fosse teoricamente previsível, se um agente humano não o previsse, ainda seria percebido como sorte.

Assim, a sorte percebida, para um determinista, advém da ignorância, e não de uma indeterminância genuína.

Existencialismo

A filosofia existencialista, em contraste, frequentemente abraça a aleatoriedade fundamental e a contingência da existência. O próprio ato de "estar aqui" pode ser considerado uma forma de "sorte existencial".²⁷ Esta perspectiva enfatiza que os indivíduos são "lançados" num mundo sem significado inerente ou propósito predeterminado, e as circunstâncias do seu nascimento, ambiente e encontros são em grande parte uma questão de acaso. Embora os indivíduos sejam responsáveis por criar o seu próprio significado e escolhas dentro desta existência contingente, as condições iniciais e muitos eventos subsequentes permanecem fora do seu controlo, destacando o papel omnipresente da sorte na formação da condição humana.

A Sorte é Real ou Meramente um Rótulo para Resultados Inexplicáveis?

O debate filosófico sobre se a sorte é um fenómeno real ou simplesmente um rótulo para resultados inexplicáveis permanece central. As definições de "falta de controlo", prevalentes nas análises filosóficas, inclinam-se para o último, enquadrando a sorte como uma ferramenta cognitiva e linguística para descrever eventos que desafiam a antecipação ou influência humana.⁹ Esta perspectiva sugere que a sorte não é uma força independente, mas sim um termo descritivo aplicado à imprevisibilidade inerente de um mundo complexo.

No entanto, as discussões persistentes em torno da "sorte moral" sugerem uma realidade percebida à sua influência. Se a sorte fosse *meramente* um rótulo, o desconforto e o paradoxo associados à sorte moral (onde fatores externos afetam o julgamento moral) dissipar-se-iam. O facto de os filósofos continuarem a debater as suas implicações, mesmo quando se esforçam para minimizar o seu impacto ético, indica que a sorte, na sua manifestação percebida, ocupa um lugar significativo na experiência humana e no raciocínio moral. Funciona como uma forma de categorizar e processar as flutuações aleatórias da vida, fornecendo um quadro para entender por que as coisas correm bem ou mal quando nenhuma cadeia causal clara é

imediatamente aparente.¹⁰

IV. Perspetivas da Psicologia e da Ciência Cognitiva

A psicologia e a ciência cognitiva oferecem *insights* empíricos sobre como os humanos percebem, interpretam e até influenciam inadvertidamente o que rotulam como sorte. Estes campos exploram os mecanismos mentais e os padrões comportamentais que contribuem para a nossa experiência de eventos afortunados ou desafortunados.

Que Papel Desempenha o Viés Cognitivo na Nossa Percepção da Sorte?

A percepção humana da sorte é significativamente influenciada por vários vieses cognitivos, que são erros sistemáticos de pensamento que afetam julgamentos e decisões. Um exemplo proeminente é a **ilusão de controlo**, também conhecida como controlo ilusório. Este viés descreve a tendência dos indivíduos para acreditarem que têm uma influência maior sobre os eventos do que realmente têm, mesmo quando esses eventos são puramente questões de acaso aleatório.²⁸ Por exemplo, as pessoas podem atribuir um valor mais alto a bilhetes de lotaria que escolheram elas próprias, acreditando que esses bilhetes têm mais probabilidade de ganhar, ou usar uma peça de roupa específica porque a associam a sucessos passados num jogo.²⁸

Esta ilusão decorre de uma necessidade psicológica fundamental de sentir controlo sobre o próprio ambiente, o que reduz a ansiedade e proporciona uma sensação de segurança.²⁹ Pode levar à percepção de relações causais onde não existem, como acreditar que um ritual contribuiu para uma vitória, mesmo que não tivesse qualquer efeito real.²⁹ Embora por vezes considerada uma "ilusão positiva" para aumentar a autoestima e a esperança, a ilusão de controlo também pode levar a tomadas de decisão falhas, fazendo com que os indivíduos depositem fé excessiva em estratégias ineficazes ou assumam riscos imprudentes.²⁸ O

viés de confirmação, onde os indivíduos tendem a procurar e interpretar informações de uma forma que confirme as suas crenças existentes, pode alimentar ainda mais a ilusão de controlo, notando e lembrando seletivamente eventos que

apoiam uma crença na sorte pessoal.²⁹ Compreender estes vieses é crucial para reconhecer quando a sorte percebida é meramente uma má interpretação de correlação por causalidade.

Algumas Pessoas São “Mais Sortudas” Devido à Mentalidade ou Comportamento?

A extensa pesquisa do psicólogo Richard Wiseman, detalhada em "The Luck Factor", sugere que a sorte não é puramente aleatória, mas é, em grande medida, um produto da mentalidade e do comportamento de um indivíduo. Os seus estudos, baseados em entrevistas com indivíduos que se autoproclamam sortudos e azarados, concluíram que não existe uma força invisível que faça as pessoas serem sortudas.³⁰ Em vez disso, as pessoas "sortudas" comportam-se inconscientemente de formas específicas que criam boa fortuna, enquanto as pessoas "azaradas" tendem a fazer o contrário.³¹

Wiseman identificou quatro princípios-chave que distinguem os indivíduos sortudos:

1. **Maximização de Oportunidades Aleatórias:** As pessoas sortudas são hábeis em criar, notar e agir sobre oportunidades aleatórias. Conseguem-no construindo e mantendo fortes redes sociais, adotando uma atitude descontraída em relação à vida e estando abertas a novas experiências.³⁰ Este envolvimento proativo aumenta a probabilidade de encontrar circunstâncias afortunadas.
2. **Ouvir as Suas Intuições Sortudas:** Indivíduos bem-sucedidos tendem a tomar decisões confiando na sua intuição e nos seus instintos. Tomam ativamente medidas para impulsionar esta intuição, talvez através de práticas como a meditação.³⁰
3. **Esperar Boa Fortuna:** As pessoas sortudas têm crenças otimistas sobre o futuro, que muitas vezes se tornam profecias autorrealizáveis. Esta expectativa positiva ajuda-as a persistir face ao fracasso e molda as suas interações com os outros de forma positiva.³⁰ A sua crença na sua própria sorte torna-as mais persistentes e dispostas a procurar oportunidades desafiadoras, aumentando assim as suas chances de sucesso.³¹
4. **Transformar a Má Sorte em Boa Fortuna:** Indivíduos sortudos possuem a capacidade de reinterpretar os contratempos. Imaginam espontaneamente como as coisas poderiam ter sido piores, veem o lado positivo do infortúnio e estão convencidos de que a má fortuna acabará por resultar no melhor. Não se detêm na má sorte e tomam medidas construtivas para prevenir futuros resultados

negativos.³⁰

Estas descobertas sugerem que, embora o acaso objetivo exista, a disposição psicológica e os padrões comportamentais de um indivíduo podem influenciar significativamente a frequência e a percepção de eventos afortunados. O ditado "a sorte é o que acontece quando a preparação encontra a oportunidade" ¹⁰ encapsula esta perspectiva, destacando o papel da agência na formação da própria "sorte".

Explorar o Locus de Controle e a Sua Ligação à Sorte Percebida

O **Locus de Controle (LOC)** é um conceito psicológico fundamental que se refere à crença de um indivíduo sobre as causas subjacentes dos eventos na sua vida. Aborda se as pessoas percebem a sua capacidade de influenciar os resultados como proveniente das suas próprias ações ou de circunstâncias externas.³⁶

Existem dois tipos principais de locus de controle:

- **Locus de Controle Interno:** Indivíduos com um LOC interno acreditam que as suas próprias ações, decisões e esforços influenciam significativamente os resultados nas suas vidas. Atribuem sucessos e fracassos às suas capacidades pessoais e ao trabalho árduo, levando a maiores sentimentos de empoderamento, autoconfiança e uma abordagem proativa aos desafios.³⁶
- **Locus de Controle Externo:** Em contraste, indivíduos com um LOC externo acreditam que os eventos e resultados da sua vida são largamente determinados por forças externas fora do seu controlo pessoal, como a sorte, o destino ou outros poderosos.³⁶ Frequentemente sentem que, independentemente do que façam, o resultado não está nas suas mãos.

Embora um locus de controlo interno seja geralmente considerado psicologicamente mais saudável e esteja associado à orientação para a realização e a empregos mais bem pagos, é importante evitar uma visão excessivamente simplista.³⁷ Indivíduos excessivamente internos que carecem de competência ou oportunidade podem tornar-se neuróticos ou deprimidos. Por outro lado, indivíduos externos podem por vezes levar vidas descontraídas. O desenvolvimento do LOC começa cedo na infância e é influenciado por vários fatores, incluindo experiências de infância, antecedentes culturais e ambiente social.³⁶ A ligação à sorte percebida é evidente: aqueles com um LOC externo são mais propensos a atribuir os resultados à "sorte", enquanto aqueles com um LOC interno são mais propensos a ver os seus esforços como o principal

determinante do sucesso, mesmo quando o acaso desempenha um papel.

V. Investigação Científica

A comunidade científica aborda fenómenos frequentemente atribuídos à sorte através dos rigorosos quadros da probabilidade, da teoria do caos e da física quântica, procurando explicar eventos aparentemente aleatórios através de princípios subjacentes.

Existem Teorias Científicas que Tentam Explicar Fenómenos Frequentemente Atribuídos à Sorte?

Teoria da Probabilidade

A teoria da probabilidade, um ramo da matemática, quantifica a probabilidade de ocorrência de eventos. Do ponto de vista probabilístico, eventos de sorte paradigmáticos, como ganhar uma lotaria justa, são simplesmente resultados que ocorrem por acaso com uma probabilidade muito baixa.³⁸ A sorte, neste contexto, envolve superar as probabilidades e alcançar um resultado inesperado.³⁹ Por exemplo, as probabilidades de ganhar um grande jackpot de lotaria podem ser astronomicamente baixas, como uma em 176 milhões, tornando tal vitória um evento altamente improvável e, portanto, "sortudo".³⁹

Os estatísticos geralmente veem a sorte como "erro aleatório" — a diferença entre um valor esperado e um valor real observado.³⁹ O seu objetivo é controlar, quantificar e minimizar este erro nas análises, garantindo que os resultados sejam o mais previsíveis e atribuíveis a fatores conhecidos possível.³⁹ Embora a teoria da probabilidade possa descrever a probabilidade de um evento de sorte, ela não explica *por que* um indivíduo específico o experimenta, apenas *que* é possível no domínio do

acaso.

Teoria do Caos

A teoria do caos, um ramo da matemática e da ciência, estuda a imprevisibilidade inerente a sistemas determinísticos. Demonstra como mesmo pequenas alterações no estado inicial de um sistema podem levar a resultados drasticamente divergentes ao longo do tempo, um fenómeno frequentemente referido como o "efeito borboleta".⁴⁰ Em termos modernos, a sorte pode ser conceptualizada como "o caos a seu favor" — o alinhamento inesperado de circunstâncias que, devido a estas dependências sensíveis, resulta num impacto positivo significativo na vida de alguém.⁴⁰

A teoria do caos desafia a noção de controlo e ordem absolutos, lembrando-nos que, mesmo com conhecimento avançado, existem limites para prever e manipular o nosso ambiente.⁴⁰ O que aparece como "azar" é quando o caos favorece consistentemente o pior resultado possível.⁴⁰ É importante distinguir entre o verdadeiro caos (imprevisibilidade inerente mesmo com compreensão perfeita) e a ignorância humana (resultados que desafiam as expectativas porque o sistema é mal compreendido).⁴¹ O conceito de "oportunidade" atua como uma ponte entre a sorte e o caos, representando o espaço onde a agência humana pode ser exercida. As oportunidades surgem frequentemente da incerteza e da mudança, exigindo uma consciência aguçada e adaptabilidade para serem aproveitadas.⁴⁰ Quando a preparação encontra a oportunidade, as chances de a sorte trabalhar a favor de alguém aumentam significativamente.⁴⁰

A Física Quântica Oferece Algum Ângulo Interessante?

A mecânica quântica introduz um nível fundamental de imprevisibilidade que desafia as visões deterministas clássicas, oferecendo uma perspetiva única sobre o acaso no universo.¹⁷ Ao nível subatómico, os eventos são descritos probabilisticamente, o que significa que os resultados não podem ser previstos com certeza, apenas com uma dada probabilidade.⁴² Esta "incerteza" intrínseca na mecânica quântica difere do conceito quotidiano de "aleatoriedade" como uma completa falta de padrão ou

previsibilidade.⁴²

Embora a física quântica destaque a natureza probabilística da realidade no seu nível mais fundamental, ela não "explica" diretamente as experiências humanas de sorte num sentido prático. Fornece uma base científica para a existência de uma indeterminância genuína, mas o salto da incerteza subatômica para os fenômenos macroscópicos que os humanos rotulam como "sortudos" ou "azarados" permanece largamente conceptual. Sugere que o puro acaso é uma característica inerente do universo, em vez de meramente uma construção humana para a ignorância, proporcionando assim um ângulo interessante para discussões filosóficas sobre o livre-arbítrio e o determinismo.

A Sorte é Mensurável ou Modelável de Alguma Forma?

Embora os resultados individuais "sortudos" sejam inerentemente imprevisíveis e, portanto, não diretamente mensuráveis ou modeláveis num sentido determinístico, a *propensão* para certos resultados pode ser quantificada através da teoria da probabilidade.³⁸ Os estatísticos modelam a probabilidade de eventos e consideram a "sorte" como o desvio do valor esperado.³⁹

No entanto, a percepção humana da sorte, influenciada por vieses cognitivos e disposição pessoal, é mais complexa de medir objetivamente. Escalas psicológicas, como a "Escala de Crença na Boa Sorte", tentam quantificar as diferenças individuais nas crenças sobre a sorte, distinguindo entre acreditar na sorte como uma força estável versus um acaso externo e aleatório.⁶ Embora estas medidas captem crenças subjetivas, não medem a sorte em si como uma força objetiva. Em essência, embora a *probabilidade* de um evento possa ser modelada, a experiência subjetiva e a atribuição de "sorte" a esse evento permanecem largamente no domínio da cognição e interpretação humanas.

VI. Interpretações Culturais e Religiosas

A interpretação e o tratamento da sorte variam significativamente entre as culturas e

estão profundamente integrados em diversas visões religiosas e espirituais do mundo. Estas interpretações moldam as normas sociais, os comportamentos individuais e a própria estrutura dos sistemas de crenças.

Como Diferentes Culturas Interpretam e Tratam a Sorte?

As interpretações culturais da sorte exibem diferenças notáveis, particularmente entre as sociedades orientais e ocidentais. Nas culturas ocidentais, especialmente no mundo anglo-saxónico, o conceito de "sorte" pode por vezes ser relegado a uma "desculpa" ou um pretexto, potencialmente levando a sentimentos de culpa ou vergonha quando o sucesso é atribuído a ela.⁴³ Esta perspetiva alinha-se frequentemente com uma forte ênfase na meritocracia, onde se acredita que as recompensas são unicamente a consequência do talento e esforço individuais.³⁰

Em contraste, as culturas não ocidentais, particularmente no Extremo Oriente, apresentam proeminentemente o conceito de sorte e boa fortuna nas conversas e crenças quotidianas, muitas vezes sem qualquer vergonha associada.⁴³ Isto sugere uma maior aceitação de fatores externos que influenciam os resultados, em vez de atribuir o sucesso ou o fracasso unicamente ao mérito individual. Por exemplo, na cultura chinesa, o número quatro é considerado azarado devido à sua semelhança fonética com a palavra "morte", influenciando decisões como o agendamento de eventos. Por outro lado, o número oito é altamente auspicioso, associado ao progresso e à riqueza.⁴⁷ As cores também carregam diferentes conotações de sorte ou azar: o vermelho significa sorte e riqueza nas culturas orientais/asiáticas, mas perigo em contextos ocidentais; o amarelo representa coragem e prosperidade nas culturas orientais, mas luto no Egito; o branco simboliza pureza no Ocidente, mas morte e luto na maioria das culturas orientais.⁴⁸ Estas variações destacam como os valores culturais e as associações linguísticas moldam profundamente a perceção da sorte.

Que Papel Desempenham as Superstições, Rituais ou Símbolos na Formação da Crença na Sorte?

Superstições, rituais e símbolos desempenham um papel significativo na formação

das crenças na sorte em todas as culturas, servindo frequentemente para facilitar a realização de objetivos, proporcionando uma sensação de controlo sobre eventos incertos.³⁰ Estas práticas frequentemente derivam da tendência humana para assumir ligações entre eventos não relacionados.³⁰

Exemplos de símbolos e rituais da sorte culturalmente significativos incluem:

- **Trevo de Três Folhas e Trevo de Quatro Folhas (Irlanda, Europa Ocidental, EUA):** O trevo de três folhas está ligado a São Patrício e à Santíssima Trindade, enquanto o raro trevo de quatro folhas simboliza sorte, fé, esperança e amor, e acredita-se que afasta os maus espíritos.⁵⁰
- **Maneki-Neko (Gato da Sorte, Japão):** Esta estatueta, com uma pata levantada, acredita-se que traz boa fortuna e prosperidade. Uma pata esquerda levantada atrai clientes para negócios, enquanto uma pata direita atrai dinheiro para casa.⁵⁰
- **O Olho Gordo (Europa, Ásia, África, América Latina):** Este símbolo representa uma força ou maldição sobrenatural. Talismãs, amuletos (muitas vezes contas de olho azul) ou marcas são usados para afastar ou proteger contra ele, por vezes pendurados em janelas ou usados para proteção pessoal.⁵⁰
- **Elefantes (Índia):** Reverenciados como a encarnação viva da divindade hindu Ganesha, os elefantes simbolizam sabedoria, força, proteção e boa fortuna. Figuras de elefantes com trombas viradas para cima acreditam-se que "derramam" boa fortuna.⁵⁰
- **Outros exemplos:** Carregar um pé de coelho, pendurar uma ferradura acima de uma porta, evitar andar debaixo de escadas ou derramar sal são superstições ocidentais comuns.⁵¹ Na cultura chinesa, evitar dar relógios ou guarda-chuvas como presentes (devido a semelhanças fonéticas com "fim" e "separação") e usar vermelho em ocasiões auspiciosas são comuns.⁴⁷

Estes rituais e símbolos, sejam racionais ou não, proporcionam um conforto psicológico, fazendo com que os indivíduos sintam que têm alguma influência sobre resultados imprevisíveis, aumentando assim o seu controlo percebido e potencialmente melhorando o desempenho.⁴⁹

Como a Sorte é Integrada em Visões Religiosas ou Espirituais do Mundo?

As principais religiões mundiais geralmente abordam o conceito de sorte com ceticismo, contrastando-o frequentemente com os seus princípios fundamentais de

providência divina, causalidade ou ordem moral.

- **Cristianismo e Judaísmo:** Estas fés enfatizam a soberania e o controlo de Deus sobre todos os eventos. A Bíblia, por exemplo, não usa o termo "sorte" nos seus textos originais, referindo-se em vez disso a "providência" ou à vontade ativa ou passiva de Deus.¹³ Provérbios 16:33 afirma: "A sorte é lançada no regaço, mas toda a sua decisão vem do Senhor", indicando que mesmo eventos aparentemente aleatórios estão sob controlo divino.⁴ O conceito de *midah k'neged midah* no Judaísmo refere-se à retribuição divina, uma forma de justiça "medida por medida".¹⁹
- **Islão:** O Islão geralmente opõe-se ao conceito de sorte e superstição, enfatizando que a confiança e a dependência devem ser colocadas unicamente em Deus Todo-Poderoso. Amuletos e talismãs são vistos como mera superstição que não são meios úteis para influenciar resultados.¹⁸
- **Budismo:** Gautama Buda ensinou contra a crença na sorte, enfatizando o princípio do **karma**, onde todos os eventos surgem de causas específicas, sejam materiais ou espirituais.⁴ O Karma é um sistema de causalidade moral, onde boas intenções e ações levam a resultados positivos, e más a negativos.¹⁹ Apesar disso, práticas populares em alguns países budistas incluem o uso de amuletos abençoados para proteção, ilustrando uma divergência entre o ensino doutrinal e a crença popular.⁴
- **Hinduísmo:** O Bhagavad-Gita atribui maior valor ao **Purushartha** (esforço humano) do que à mera sorte ou destino.⁴ O conceito central de **karma** dita um princípio de causa e efeito, onde a intenção e as ações dos indivíduos influenciam o seu futuro, muitas vezes ciclicamente através da reencarnação.¹⁹ Embora algumas escolas debatam a extensão do determinismo versus o livre-arbítrio, o princípio subjacente é o de uma ligação causal, e não de um acaso aleatório.
- **Siquismo:** O Siquismo também incorpora o conceito de karma e reencarnação, mas estes são modificados pelo conceito da graça de Deus (*nadar*). Embora as ações (karma) influenciem o nascimento de alguém, a salvação é, em última análise, alcançada através da graça.¹⁹
- **Taoísmo:** O propósito da vida no Taoísmo é a paz interior e a harmonia com o **Tao**, que representa a realidade espiritual e a ordem do universo.²⁰ A cosmologia taoista primitiva enfatizava transformações impessoais e espontâneas, embora formas posteriores tenham incorporado divindades. O foco em alinhar-se com o "Caminho" sugere uma crença numa ordem natural ou espiritual subjacente, em vez de sorte aleatória.¹⁹

Através destas diversas visões do mundo, emerge um fio condutor comum: uma

tendência para procurar significado e causalidade nos eventos, atribuindo frequentemente os resultados à vontade divina, a princípios morais ou a sistemas interligados, em vez de puro acaso inexplicável. Isto destaca uma necessidade humana fundamental de encontrar ordem no universo.

VII. Implicações Sociológicas e Económicas

A crença na sorte tem consequências tangíveis para o comportamento individual e coletivo, influenciando a tomada de decisões, a assunção de riscos e as percepções sociais de sucesso e desigualdade.

Como a Crença na Sorte Afeta a Tomada de Decisões, a Assunção de Riscos ou o Comportamento Económico?

A crença na sorte influencia significativamente a tomada de decisões, particularmente em contextos que envolvem risco e resultados financeiros. Indivíduos que têm fortes crenças em números da sorte, por exemplo, podem exibir maior otimismo, expressar maior vontade de participar em lotarias e mostrar uma maior propensão para investimentos financeiros arriscados.⁵² Isto sugere que uma ligação percebida à "sorte" pode anular a avaliação racional das probabilidades.

No mundo financeiro, a sorte é frequentemente observada em aumentos súbitos e imprevistos nos valores das ações, beneficiando investidores que por acaso detinham ações antes de tais eventos.⁵³ Isto sublinha o papel do acaso para além da assunção de riscos calculada e do planeamento estratégico. Os papéis intrincados do risco e da sorte no investimento são destacados pela observação de que o resultado de qualquer empreendimento financeiro se deve em parte à habilidade e à estratégia, e em parte a fatores completamente fora do controlo de alguém.⁵³

Indivíduos com propensão para a assunção de riscos envolvem-se frequentemente em análises aprofundadas e planeamento de contingência, refletindo uma crença no controlo dos resultados através da estratégia. Por outro lado, aqueles que dependem mais da sorte podem tomar decisões com menos deliberação, impulsionados por uma crença otimista em resultados favoráveis, independentemente das probabilidades.⁵³

Tanto o risco como a sorte introduzem incerteza na tomada de decisões, mas as suas origens diferem: o risco está tipicamente associado a uma ação específica e rastreável, enquanto a sorte pode ocorrer independentemente.⁵³ Reconhecer a própria propensão para a assunção de riscos ou para a dependência da sorte é crucial para o desenvolvimento pessoal e para tomar decisões mais equilibradas que incorporem tanto a gestão estratégica do risco como a aceitação do papel da sorte.

O Sucesso Socioeconómico é Atribuído à Sorte ou ao Mérito, e Como Isso Varia Globalmente?

A atribuição do sucesso socioeconómico à sorte ou ao mérito é um tema profundamente debatido com variações globais significativas e implicações políticas. A narrativa predominante da "meritocracia" — a ideia de que as recompensas e honras vão para os mais merecedores com base na inteligência e no nível de escolaridade — é desafiada pelo papel inegável da sorte.³⁰

Um argumento chave contra a meritocracia pura é o conceito de "linhas de partida desiguais". Os indivíduos não escolhem as circunstâncias do seu nascimento, a riqueza da sua família ou o seu acesso inicial a educação e oportunidades de qualidade.⁴⁵ A riqueza, neste contexto, é frequentemente um produto do acaso, e não do mérito, uma vez que as crianças nascidas em famílias afluentes obtêm vantagens inerentes (por exemplo, melhores escolas, atividades extracurriculares, sem necessidade de empregos a tempo parcial) que não estão disponíveis para aqueles de origens de baixos rendimentos.⁴⁵ Isto destaca que o sucesso é tanto, se não mais, uma questão de sorte do que de esforço, contradizendo diretamente o mito de que o trabalho árduo por si só determina o sucesso.⁴⁵

O debate divide frequentemente as ideologias políticas: os conservadores tendem a celebrar o sucesso de mercado como uma consequência inevitável do talento e do esforço, enquanto os liberais enfatizam que mesmo indivíduos talentosos e trabalhadores podem enfrentar infortúnios sem culpa própria.⁴⁶ A pesquisa sobre diferenças culturais apoia ainda mais isto, com as culturas ocidentais por vezes a verem a sorte como uma "desculpa" para o sucesso, enquanto as culturas orientais reconhecem e celebram mais prontamente a boa fortuna sem vergonha.⁴³

Estudos, como um sobre a popularidade da música, demonstram que, embora a qualidade seja importante, o sucesso inicial — mesmo que não merecido — pode

gerar mais sucesso, e o fracasso inicial pode gerar mais fracasso.⁴⁶ Isto sugere que, para produtos ou indivíduos de qualidade intermédia, um elemento substancial de sorte frequentemente determina o seu destino final.⁴⁶ A evidência indica que nenhum dos extremos — tudo sorte ou nenhuma sorte — é preciso; em vez disso, tanto o mérito como a sorte desempenham papéis interligados nos resultados socioeconómicos.³⁰ O fator crítico então torna-se não se é sortudo, mas quão eficazmente se aproveita ou se responde à sorte que se encontra — um conceito denominado "retorno sobre a sorte".⁵⁴

VIII. Implicações Práticas e Comportamento Humano

Para além das discussões teóricas, o conceito de sorte tem efeitos tangíveis no comportamento humano, influenciando a motivação, a resiliência e a produtividade. Esta secção explora como os indivíduos podem potencialmente "criar" a sua própria sorte e os mecanismos psicológicos em jogo.

As Pessoas Podem Criar a Sua Própria Sorte? (Referência: "The Luck Factor" de Richard Wiseman)

A pesquisa do psicólogo Richard Wiseman, detalhada em "The Luck Factor", sugere fortemente que os indivíduos podem de facto "criar" ou influenciar a sua própria sorte. Os seus estudos concluíram que a sorte não é uma força invisível e externa, mas sim um produto da mentalidade e do comportamento de um indivíduo.³² As pessoas "sortudas" não são magicamente abençoadas; em vez disso, são mais hábeis em aproveitar oportunidades, superar momentos difíceis com uma perspetiva positiva e confiar na sua intuição.³⁵ Wiseman argumenta que estes indivíduos se colocam ativamente em posições onde desenvolvimentos afortunados são mais propensos a ocorrer, em vez de esperarem passivamente que a sorte aconteça.³⁵ Esta perspetiva alinha-se com a sabedoria antiga encapsulada no adágio de Séneca: "a sorte é o que acontece quando a preparação encontra a oportunidade".¹⁰

Que Estratégias Usam as Pessoas de Sucesso para “Aumentar” a Sorte?

A pesquisa de Wiseman identifica quatro princípios centrais e estratégias associadas que indivíduos "sortudos" empregam inconscientemente para aumentar as suas chances de sucesso e satisfação:

1. **Maximizando Oportunidades Aleatórias:** As pessoas sortudas são proativas na criação e percepção de oportunidades. Isso envolve construir e manter uma forte rede social, adotar uma atitude descontraída e aberta em relação à vida e abraçar novas experiências.³⁰ Ao diversificar as suas rotinas e trabalhar em diferentes locais, evitam ficar presas a padrões que possam limitar novos encontros.³⁰ Dicas práticas incluem *networking* ativo, abraçar a mudança e cultivar a atenção plena para aumentar a consciência das oportunidades presentes.³⁴
2. **Ouvir as Suas Intuições Sortudas:** Indivíduos bem-sucedidos frequentemente confiam na sua intuição e nos seus instintos para a tomada de decisões. Tomam medidas para impulsionar esta intuição, talvez através da meditação ou limpando as suas mentes.³⁰ Desenvolver e confiar na própria intuição é uma prática fundamental.³⁴
3. **Esperar Boa Fortuna:** As pessoas sortudas possuem uma crença otimista no futuro, que atua como uma profecia autorrealizável. Esta expectativa positiva ajuda-as a persistir face ao fracasso e fomenta interações positivas com os outros.³⁰ As estratégias incluem afirmações positivas regulares e exercícios de visualização onde os indivíduos imaginam vividamente a realização dos seus objetivos.³⁴
4. **Transformar a Má Sorte em Boa Fortuna:** Indivíduos sortudos são hábeis em reinterpretar os contratempos. Imaginam espontaneamente como as coisas poderiam ter sido piores, encontram o lado positivo no infortúnio e acreditam que a má fortuna acabará por resultar no melhor. Evitam remoer experiências negativas e tomam medidas construtivas para prevenir futuras má sorte.³⁰ Cultivar a resiliência, reinterpretando os contratempos como oportunidades de crescimento e extraíndo lições dos desafios, são aplicações práticas deste princípio.³⁴

Outras dicas práticas incluem cultivar hábitos positivos, praticar atos aleatórios de bondade, definir objetivos claros e agir ativamente.³⁴ Estas estratégias sugerem coletivamente que, embora a aleatoriedade seja inerente, a abordagem de um indivíduo à vida pode influenciar significativamente a percepção e a manifestação de

resultados afortunados.

Como a Crença na Sorte Afeta a Motivação, a Resiliência ou a Produtividade?

A crença na sorte pode ter efeitos complexos e por vezes contraditórios na motivação, resiliência e produtividade. A pesquisa distingue entre uma "crença na sorte" geral (como um fenômeno externo, determinístico) e uma "crença na sorte pessoal" (uma auto-percepção de ser afortunado).⁸

Uma crença geral na sorte como uma força determinística tem sido associada negativamente ao bem-estar cognitivo e à felicidade.⁸ Indivíduos que atribuem os resultados principalmente à sorte externa podem sentir-se impotentes, levando à ansiedade e a uma mentalidade de vítima.¹⁵ Isso pode resultar numa diminuição da motivação, pois podem acreditar que os seus esforços são inconsequentes, e numa redução da resiliência, pois podem atribuir os fracassos a uma má sorte inevitável, em vez de a fatores que podem influenciar.⁵⁶ Tais crenças também podem fomentar a superstição em vez da confiança fiel e levar à evitação de desafios ou à aversão à mudança.¹⁵

Por outro lado, a crença na **sorte pessoal** — a percepção de si mesmo como geralmente afortunado — está positivamente correlacionada com o bem-estar cognitivo e afetivo, a confiança, a busca de novidades e a busca de emoções.⁸ Indivíduos que se sentem pessoalmente sortudos tendem a ter uma perspetiva mais otimista, o que energiza a sua abordagem ao futuro e aumenta a sua persistência na prossecução de objetivos, mesmo quando o sucesso parece escasso.³¹ Esta mentalidade positiva pode levar a uma "profecia autorrealizável" onde as expectativas moldam a experiência, tornando-os mais propensos a arriscar e a criar oportunidades.³¹

Esta dinâmica está intimamente relacionada com a **autoeficácia**, que é a crença na própria capacidade de ter sucesso e superar desafios.⁵⁷ A alta autoeficácia está profundamente interligada com a motivação e a resiliência; indivíduos com forte autoeficácia são mais propensos a persistir face aos contratemplos e a recuperar do fracasso.⁵⁷ Embora a autoeficácia se baseie na capacidade de alguém e a motivação no seu desejo, elas frequentemente reforçam-se mutuamente, criando um ciclo onde a realização aumenta a autoeficácia, que por sua vez alimenta a motivação.⁵⁷ Assim, enquanto uma crença passiva na sorte externa pode ser prejudicial, uma crença ativa

na própria capacidade de navegar e até influenciar resultados afortunados pode aumentar significativamente a motivação, a resiliência e a produtividade.

IX. Contra-argumentos e Ceticismo

Apesar da crença generalizada na sorte, contra-argumentos significativos e pontos de vista céticos desafiam a sua existência como uma força independente, atribuindo frequentemente a sorte percebida à aleatoriedade ou a vieses cognitivos.

O Que Dizem os Céticos Sobre o Conceito de Sorte?

Os céticos frequentemente defendem que a sorte não é uma força tangível, mas sim uma "resposta sem sentido aos eventos aleatórios da vida" ou "probabilidade levada para o lado pessoal".⁴⁹ Esta perspectiva alinha-se com a ideia apresentada em "Fooled by Randomness", que argumenta que os humanos tendem a perceber eventos passados como menos aleatórios do que realmente foram, um fenómeno conhecido como

vies de retrospectiva.⁵⁸ O mundo, deste ponto de vista, é consideravelmente mais determinístico na percepção humana do que na realidade.⁵⁸

Os céticos reconhecem que, embora "o acaso favoreça os preparados", atribuir o sucesso unicamente à habilidade muitas vezes ignora o papel desproporcional do acaso aleatório.⁵⁸ Por exemplo, um investidor lucrativo pode oferecer uma interpretação profunda e convincente do seu sucesso, quando na realidade, uma parte significativa do seu desempenho passado pode ser atribuível apenas ao acaso.⁵⁸ Isto não significa que todo o sucesso seja aleatório, mas sim que a aleatoriedade desempenha um papel maior do que o frequentemente reconhecido. Requer considerável coragem manter o ceticismo e confrontar introspectivamente as próprias limitações, especialmente dada a tendência humana para se enganar a si próprio.⁵⁸

É Simplesmente uma Racionalização para a Aleatoriedade?

Um argumento cético proeminente é que a crença na sorte serve como uma racionalização para a aleatoriedade. Os humanos são inerentemente desconfortáveis com a incerteza e a natureza caótica da existência.³⁵ Para lidar com este desconforto, os indivíduos frequentemente preenchem as lacunas de resultados inexplicáveis com crenças em forças externas como a sorte.³⁵ Este processo de "criação de significado" fornece um quadro cognitivo para compreender e dar sentido aos eventos da vida, relacionamentos e ao próprio eu, oferecendo uma sensação de conforto e controle percebido sobre eventos que são fundamentalmente incontroláveis.¹⁰

Desta perspectiva, o simbolismo, as superstições e a atribuição de significado a formas ou eventos aleatórios são vistos como um "filho da nossa incapacidade e falta de vontade de aceitar a aleatoriedade".⁵⁸ É frequentemente mais fácil para os indivíduos aceitar que a sorte desempenha um papel misterioso nas suas vidas do que confrontar a realidade de que a vida é aleatória, caótica e imprevisível, com pouco que possam fazer a respeito.⁴⁹

A Crença na Sorte Pode Ser Prejudicial ou Limitadora?

Embora alguns aspetos de acreditar na sorte pessoal possam ser benéficos, uma crença geral na sorte como uma força externa determinística pode de facto ser prejudicial e limitadora. A pesquisa indica que indivíduos que acreditam que a má sorte é uma força real e poderosa são mais propensos a lutar contra o *stress*, problemas de saúde mental e insegurança significativa.⁵⁶ Esta crença pode fomentar uma mentalidade de vítima, levando os indivíduos a sentirem-se impotentes para mudar as suas vidas e a acreditarem que estão à mercê do destino ou de fatores externos.⁵⁶

Tal mentalidade está associada ao pessimismo, negatividade e menor resistência ao *stress*.⁵⁵ Pessoas que temem a má sorte tendem a assumir o pior, a queixar-se cronicamente e a permitir que o medo afete as suas decisões.⁵⁶ Podem evitar desafios e não gostar de mudanças, minimizando ativamente as suas chances de sucesso ao fugir de situações em que possam perder.³¹ Além disso, a crença na sorte externa pode impedir os indivíduos de reconhecer e apreciar a intervenção divina (em contextos religiosos) e pode fomentar práticas supersticiosas em vez de confiança

fiel.¹⁵ Também pode levar a sentimentos de não merecimento do sucesso alcançado, um marcador comum da Síndrome do Impostor.⁵⁶

A questão central é que, se alguém acredita que está condenado a uma vida de infelicidade pelo infortúnio, pode inadvertidamente causar a sua própria ruína ao ceder ao "destino" em vez de tomar medidas ativas para mudar as coisas.⁵⁶ Isto destaca que, embora a sorte em si possa ser um fenómeno neutro, a

crença nela, particularmente nas suas formas negativas, pode ter consequências psicológicas e comportamentais prejudiciais significativas.

X. Estudos de Caso e Análise Anecdótica

O exame de eventos do mundo real comumente atribuídos à sorte proporciona uma compreensão mais profunda da interação entre o acaso e outros fatores, revelando que a sorte pura raramente é o único determinante dos resultados.

Estudos de Caso de Eventos Comumente Atribuídos à Sorte

Vencedores da Lotaria

As vitórias na lotaria são talvez os exemplos quintessenciais de pura sorte. As probabilidades de ganhar um grande jackpot são astronomicamente baixas, tornando o resultado quase inteiramente uma questão de acaso.³⁹ No entanto, as análises de vencedores da lotaria frequentemente desafiam mitos e estereótipos populares. Estudos indicam que os vencedores provêm de diversas formações educacionais e profissionais, e estão frequentemente agrupados em categorias de rendimento mais elevadas do que a população em geral, sugerindo que as lotarias podem não ser tão regressivas como geralmente se acredita.⁶⁰

Ao contrário da imagem popular de gastos extravagantes, muitos vencedores não se

envolvem em tal comportamento. Em vez disso, frequentemente usam os seus ganhos para saldar dívidas, dedicar-se a *hobbies* e fornecer apoio financeiro substancial aos seus filhos e igrejas.⁶⁰ Indivíduos com empregos psicologicamente e financeiramente gratificantes são mais propensos a continuar a trabalhar, enquanto aqueles em empregos mal remunerados e semiqualeificados são mais propensos a abandonar a força de trabalho.⁶⁰ Isto sugere que, embora a vitória inicial seja pura sorte, a gestão subsequente da riqueza depende frequentemente da literacia financeira existente, dos valores pessoais e da satisfação profissional.⁶¹ O planeamento financeiro eficaz e a avaliação de riscos tornam-se cruciais para alavancar o ganho inesperado para a segurança a longo prazo, indicando que resultados positivos sustentados exigem mais do que apenas o golpe inicial de sorte.⁶¹

Histórias de Sobrevivência de Última Hora

Histórias de sobrevivência, frequentemente atribuídas a uma "sorte" milagrosa, geralmente envolvem uma complexa interação de acaso e agência humana. Embora um elemento de sorte esteja quase sempre presente — como aterrar numa saliência segura após uma queda ou ser atrasado antes de um grande acidente — depender unicamente da sorte é considerado insensato.⁴⁰ A análise de situações de sobrevivência destaca consistentemente que o conhecimento, o condicionamento e, mais criticamente, a "vontade de sobreviver" são primordiais.⁶²

Os sobreviventes demonstram uma notável capacidade de aceitar a sua dura realidade sem sucumbir à negação, um conceito conhecido como o **Paradoxo de Stockdale** (combinando fé inabalável no sucesso eventual com uma avaliação brutal das realidades atuais).⁶² Eles exibem perseverança, dividindo desafios avassaladores em "pequenos passos" gerenciáveis e perseguindo implacavelmente pequenas tarefas.⁶² O conhecimento aplicado e a capacidade de se adaptar a situações em mudança são cruciais, permitindo que os indivíduos "criem a sua própria sorte" até certo ponto.⁶² Por exemplo, as ações de Rick Rescorla no 11 de setembro, que havia previamente desenvolvido e treinado procedimentos de evacuação, salvaram inúmeras vidas ao anular instruções oficiais e iniciar um exercício de escada pré-planeado, demonstrando o poder da preparação e do conhecimento aplicado sobre o caos inicial.⁶² Da mesma forma, histórias de sobreviventes do Holocausto frequentemente sublinham uma profunda resiliência e o espírito humano para suportar em meio a adversidades inimagináveis.⁶³ Assim, embora o acaso possa preparar o cenário, o resultado final em cenários de sobrevivência é fortemente

influenciado pela força mental, preparação e capacidades adaptativas de um indivíduo.

Analisar se a Sorte ou Outros Fatores Estiveram Realmente Envolvidos

A análise destes estudos de caso, desde vitórias na lotaria a narrativas de sobrevivência, indica que, embora a sorte seja um elemento inegável em muitos resultados, o sucesso ou a sobrevivência sustentados raramente são atribuíveis unicamente à sorte pura.⁵⁴ A evidência sugere que grandes empresas, por exemplo, não são inerentemente mais sortudas do que os seus concorrentes; não recebem consistentemente mais boa sorte ou menos má sorte.⁵⁴ Em vez disso, o fator crítico é o seu "retorno sobre a sorte" — quão eficazmente indivíduos e organizações respondem e aproveitam eventos afortunados e desafortunados.⁵⁴ Uma empresa pode experimentar má sorte significativa e ainda assim alcançar um resultado positivo, assim como pode desperdiçar boa sorte e enfrentar consequências negativas.⁵⁴

Esta perspetiva enfatiza o papel da agência humana, da estratégia e da resiliência. Para os vencedores da lotaria, o ganho inicial é puro acaso, mas a forma como essa riqueza é gerida para a segurança a longo prazo envolve um planeamento financeiro deliberado e um investimento sensato.⁶¹ Em situações de sobrevivência, a "sorte" é frequentemente complementada pelo conhecimento do sobrevivente, pelo condicionamento físico e, o mais importante, por uma vontade indomável de sobreviver que os impulsiona a tomar medidas proativas.⁶² A observação de que muitas mulheres atribuem o seu sucesso profissional à "sorte" com mais frequência do que os homens, apesar de conquistas semelhantes, também aponta para duplos padrões sociais e vieses cognitivos, em vez de uma real falta de mérito da sua parte.⁶⁴

Em última análise, os dados sugerem que, embora os eventos aleatórios sejam uma parte inerente da vida, o impacto desses eventos é significativamente mediado pela resposta humana. O sucesso não é simplesmente uma questão de ter sorte, mas de estar preparado para reconhecer oportunidades, possuir a resiliência para superar contratempos e ter a perspicácia estratégica para maximizar os benefícios de circunstâncias favoráveis, ao mesmo tempo que se mitiga os danos das desfavoráveis.

XI. *Insight* de IA ou Meta-Análise

O advento da Inteligência Artificial (IA) oferece novas vias para compreender e interagir com o conceito de sorte, tanto em termos de previsão de resultados quanto de interpretação das crenças humanas.

A IA Pode Simular ou Prever Resultados “Sortudos” Com Base em Dados Históricos?

Sistemas de IA estão a ser cada vez mais desenvolvidos para analisar vastos conjuntos de dados e identificar padrões que podem parecer aleatórios para observadores humanos, tentando assim simular ou prever resultados frequentemente atribuídos à sorte. Por exemplo, plataformas como "Lottery Unlocked" afirmam analisar milhares de milhões de sorteios históricos de lotaria usando redes neurais avançadas e algoritmos de probabilidade quântica.⁶⁵ Tais sistemas visam identificar "padrões de números mais inteligentes" e reduzir a aleatoriedade percebida, oferecendo uma abordagem científica à seleção de números com uma precisão preditiva alegada.⁶⁵

Estes modelos de IA aproveitam algoritmos de *deep learning* para processar relações complexas entre números, datas de sorteio e padrões de vitória, aprendendo e adaptando continuamente os seus modelos preditivos com base em novos dados.⁶⁵ Podem gerar combinações de números personalizadas usando vetores de probabilidade multidimensionais que consideram múltiplas variáveis simultaneamente.⁶⁵ No entanto, é crucial compreender as limitações: embora estes sistemas baseados em probabilidade ofereçam vantagens significativas sobre a seleção aleatória ao identificar probabilidades estatísticas, eles não podem

garantir vitórias na lotaria. Os sorteios da lotaria permanecem eventos fundamentalmente aleatórios, o que significa que a IA pode melhorar as *probabilidades* de seleção com base em padrões, mas não pode prever deterministicamente resultados de verdadeiro acaso.⁶⁵ Isto destaca os limites inerentes mesmo do poder computacional avançado ao confrontar a verdadeira

aleatoriedade.

Como os Sistemas de IA Compreendem e Interpretam a Crença Humana na Sorte?

Os sistemas de IA, particularmente os grandes modelos de linguagem (LLMs), são treinados em enormes quantidades de texto e dados gerados por humanos, o que significa que inevitavelmente absorvem e refletem os vieses cognitivos e as formas de pensar humanas.⁶⁶ Isto inclui a forma como os humanos percebem e interpretam a sorte. A pesquisa indica que a IA pode não ser tão objetiva e racional como muitas vezes se assume, e pode até herdar e exacerbar os vieses humanos.⁶⁷

Um fenómeno denominado "superstição racional" tem sido observado, onde a crença em previsões de IA se correlaciona positivamente com a crença em práticas pseudocientíficas como a astrologia.⁶⁸ Isto sugere que o envolvimento humano com sistemas de IA nem sempre é puramente racional ou baseado em evidências; em vez disso, fatores não racionais, incluindo o pensamento supersticioso, podem influenciar significativamente a validade, fiabilidade e utilidade percebidas das previsões geradas por IA.⁶⁸ Isto implica que a IA, ao espelhar o discurso e os padrões humanos, pode inadvertidamente reforçar as tendências humanas para procurar controlo e significado em resultados imprevisíveis. Por exemplo, os LLMs demonstraram exibir vieses cognitivos como o efeito de ancoragem, onde a informação inicial influencia fortemente os julgamentos subsequentes, semelhante ao comportamento humano.⁶⁷

Além disso, os sistemas de IA podem por vezes "alucinar", gerando informações falsas ou enganosas com confiança.⁶⁹ Se não forem cuidadosamente projetados, esta tendência pode inadvertidamente reforçar o pensamento supersticioso ou as interpretações erradas da sorte, apresentando "padrões" fabricados como factos. Embora a IA não possua uma compreensão subjetiva da crença humana na sorte da mesma forma que um humano, a sua capacidade de processar e refletir padrões linguísticos e comportamentais humanos permite-lhe gerar respostas que ressoam com as necessidades psicológicas humanas de significado e controlo. O roteiro de desenvolvimento da IA foca-se em melhorar os modelos baseados em dados para precisão e robustez, incorporando mais contexto e integrando o raciocínio causal, em vez de tentar replicar a complexidade total da perceção subjetiva humana da sorte.⁷⁰ Isto significa que a IA pode analisar e prever

com base em crenças humanas sobre a sorte, mas a sua "compreensão" é estatística e baseada em padrões, não fenomenológica.

XII. Conclusão

O conceito de sorte, profundamente enraizado na experiência humana, revela-se um fenómeno multifacetado quando sujeito a escrutínio interdisciplinar. As suas origens linguísticas destacam uma tentativa relativamente recente de categorizar resultados imprevisíveis, particularmente aqueles associados ao acaso e ao risco. Na psicologia, filosofia e religião, a sorte é definida de diversas formas: como uma força sobrenatural, uma construção explicativa, um atributo pessoal, um evento fora do controlo humano, ou uma manifestação da providência divina ou de leis causais como o karma. Esta tensão inerente entre a sorte como uma ocorrência externa e aleatória e um fenómeno percebido internamente, por vezes influenciado, sublinha uma luta humana fundamental para conciliar o desejo de controlo com a imprevisibilidade inerente da existência.

As investigações filosóficas, desde as primeiras abordagens sistemáticas de Aristóteles até à rejeição da sorte moral por Kant e ao subsequente desafio de Nagel, demonstram uma tentativa duradoura de definir os limites da sorte e o seu impacto na agência e responsabilidade. As teorias científicas, incluindo a probabilidade e a teoria do caos, fornecem quadros para quantificar e compreender a aleatoriedade, reconhecendo que, embora eventos "sortudos" específicos sejam imprevisíveis, a probabilidade de tais eventos pode ser modelada. A física quântica reforça ainda mais a noção de incerteza intrínseca ao nível mais fundamental do universo, fornecendo um pano de fundo para a natureza omnipresente do acaso.

Culturalmente, as interpretações da sorte variam significativamente, com as sociedades ocidentais a enfatizarem frequentemente o mérito e o esforço individual, por vezes levando a uma estigmatização da sorte, enquanto as culturas orientais abraçam e celebram mais prontamente a boa fortuna como uma parte aceite da vida. As superstições, rituais e símbolos servem como mecanismos de *coping* universais, proporcionando uma sensação de controlo psicológico e significado face à incerteza. Religiosamente, a maioria das principais visões do mundo tende a desvalorizar ou rejeitar a sorte em favor da soberania divina, do karma ou da ordem cósmica inerente, procurando a causalidade última para além do mero acaso.

As implicações práticas para o comportamento humano são profundas. Embora uma crença passiva na sorte externa possa fomentar o pessimismo e limitar a motivação, a pesquisa de Richard Wiseman e outros sugere que os indivíduos podem ativamente "criar" a sua própria sorte através de mentalidades e comportamentos específicos. Estratégias como maximizar oportunidades, confiar na intuição, manter o otimismo e reinterpretar os contratempos capacitam os indivíduos a navegar na aleatoriedade de forma mais eficaz. A distinção entre uma "crença na sorte" geral e a "sorte pessoal" é crítica, pois esta última está positivamente correlacionada com o bem-estar e o envolvimento proativo.

Em última análise, a análise revela que a sorte raramente é uma força singular e isolada que determina o sucesso ou a sobrevivência. Embora os eventos aleatórios sejam inegáveis, a resposta humana a esses eventos — caracterizada pela agência, resiliência, preparação e adaptação estratégica — desempenha um papel muito mais significativo na formação dos resultados. Mesmo em eventos aparentemente puramente aleatórios, como vitórias na lotaria, a gestão subsequente da riqueza depende de escolhas humanas. O surgimento de sistemas de IA capazes de analisar dados históricos para prever padrões em eventos aparentemente aleatórios esbate ainda mais as linhas, demonstrando que, embora a IA possa otimizar probabilidades, não pode eliminar a aleatoriedade fundamental. Além disso, a tendência da IA para espelhar os vieses cognitivos humanos destaca a profunda necessidade humana de encontrar padrões e significado, mesmo onde nenhum existe objetivamente, reforçando a ideia de que a sorte é tanto uma construção humana para compreender o imprevisível quanto uma força objetiva. A exploração contínua da sorte em todas as disciplinas continua a iluminar a intrincada interação entre o acaso, a percepção humana e a ação deliberada na formação das nossas vidas.

Works cited

1. luck - Wiktionary, the free dictionary, accessed on July 13, 2025, <https://en.wiktionary.org/wiki/luck>
2. luck, n. meanings, etymology and more | Oxford English Dictionary, accessed on July 13, 2025, https://www.oed.com/dictionary/luck_n
3. LUCK Definition & Meaning - Merriam-Webster, accessed on July 13, 2025, <https://www.merriam-webster.com/dictionary/luck>
4. Luck - Wikipedia, accessed on July 13, 2025, <https://en.wikipedia.org/wiki/Luck>
5. Section of Minerals and Earth Sciences Celebrates Being Lucky!, accessed on July 13, 2025, <https://carnegiemnh.org/section-of-minerals-and-earth-sciences-celebrates-being-lucky/>
6. "When something like a ladybug lands on you": Origins and development of the

- concept of luck - PubMed Central, accessed on July 13, 2025, <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8261899/>
7. www.pbs.org, accessed on July 13, 2025, <https://www.pbs.org/newshour/arts/watch-can-you-change-your-luck-an-expert-explains#:~:text=In%20a%20paper%20published%20in.attribute%20one%20has%20within%20themselves.>
 8. Belief in Luck and Luckiness: Conceptual Clarification and New Measure Validation | Request PDF - ResearchGate, accessed on July 13, 2025, https://www.researchgate.net/publication/257045776_Belief_in_Luck_and_Luckiness_Conceptual_Clarification_and_New_Measure_Validation
 9. Luck | Internet Encyclopedia of Philosophy, accessed on July 13, 2025, <https://iep.utm.edu/luck/#:~:text=One%20of%20the%20most%20widespread,for%20luck%20in%20those%20terms.>
 10. Philosophy of Luck - You can't remove luck from your life and you ..., accessed on July 13, 2025, https://www.reddit.com/r/philosophy/comments/oji13r/philosophy_of_luck_you_cant_remove_luck_from_your/
 11. On Luck and Significance - PhilArchive, accessed on July 13, 2025, <https://philarchive.org/archive/HILOLA-4>
 12. Epistemic Luck | Internet Encyclopedia of Philosophy, accessed on July 13, 2025, <https://iep.utm.edu/epi-luck/>
 13. What does the Bible teach about luck? - Compelling Truth, accessed on July 13, 2025, <https://www.compellingtruth.org/luck.html>
 14. What does the Bible say about luck? | GotQuestions.org, accessed on July 13, 2025, <https://www.gotquestions.org/luck.html>
 15. Christian View on Luck: Should Believers Say 'Good Luck'? - Equipped Servant, accessed on July 13, 2025, <https://www.equippedservant.com/blog/christian-perspective-on-luck>
 16. Do religious people believe in luck? - Quora, accessed on July 13, 2025, <https://www.quora.com/Do-religious-people-believe-in-luck>
 17. Is Luck Real? Exploring Science and Belief - ThinkTank | Adam Tank, accessed on July 13, 2025, <https://www.adamtank.com/new-blog/is-luck-real>
 18. Luck & Religion - Entertainment Values, accessed on July 13, 2025, <https://entertainmentvalues.com/articles/yor1jy76sbl5qwulbjcw08t7yuk482>
 19. Karma - Wikipedia, accessed on July 13, 2025, <https://en.wikipedia.org/wiki/Karma>
 20. World Religions | Introduction to Sociology - Brown-Weinstock, accessed on July 13, 2025, <https://courses.lumenlearning.com/suny-fmcc-intro-to-sociology/chapter/world-religions/>
 21. Luck in Aristotle's Physics and Ethics - PhilArchive, accessed on July 13, 2025, <https://philarchive.org/archive/JOHLIA-4>
 22. Aristotle's Luck | Lapham's Quarterly, accessed on July 13, 2025, <https://www.laphamsquarterly.org/roundtable/aristotles-luck>
 23. Nietzsche: Be ashamed of good luck, and thus your ego will perish - Reddit, accessed on July 13, 2025,

- https://www.reddit.com/r/Nietzsche/comments/1j8oosh/nietzsche_be_ashamed_of_good_luck_and_thus_your/
24. Nietzsche: Be ashamed of good luck, and thus your ego will perish : r/Jung - Reddit, accessed on July 13, 2025, https://www.reddit.com/r/Jung/comments/1j5tup5/nietzsche_be_ashamed_of_good_luck_and_thus_your/
 25. MORAL LUCK - rintintin.colorado.edu, accessed on July 13, 2025, <https://rintintin.colorado.edu/~vancecd/phil1100/Nagel1.pdf>
 26. Kant 's Moral Judgement Of Moral Luck - 1630 Words - Bartleby.com, accessed on July 13, 2025, <https://www.bartleby.com/essay/Kant-s-Moral-Judgement-Of-Moral-Luck-FKEWUTK6YKW>
 27. Luck can mean being in the right place at the right time — it can also mean the existential luck of being here at all - Philosophy News, accessed on July 13, 2025, <https://philosophynews.com/luck-can-mean-being-in-the-right-place-at-the-right-time-it-can-also-mean-the-existential-luck-of-being-here-at-all/>
 28. Illusion of Control - The Decision Lab, accessed on July 13, 2025, <https://thedecisionlab.com/biases/illusion-of-control>
 29. Illusion of Control - Cognitive Distortion - Thinking Bugs, accessed on July 13, 2025, <https://thinkingbugs.com/illusion-of-control>
 30. The Science Of “Luck” | IFLScience, accessed on July 13, 2025, <https://www.iflscience.com/the-science-of-luck-70886>
 31. The Luck Factor by Richard Wiseman—Book Overview - Shortform, accessed on July 13, 2025, <https://www.shortform.com/blog/the-luck-factor/>
 32. newpath.org, accessed on July 13, 2025, <https://newpath.org/create-your-own-luck/#:~:text=Wiseman's%20study%20concluded%20that%20there,things%20work%20out%20for%20them.>
 33. The Luck Factor, accessed on July 13, 2025, <https://www.stat.berkeley.edu/~aldous/Real-World/wiseman.html>
 34. The Luck Factor: 4 Secret Principles Of Luck - 1 Hour Guide -, accessed on July 13, 2025, <https://www.1hourguide.co.za/the-luck-factor/>
 35. Can We Create Our Own Luck? - Aruna Gobalan, accessed on July 13, 2025, <https://arunagobalan.medium.com/can-we-create-our-own-luck-d7604dfbf03a>
 36. Locus of Control and Its Relevance in Psychology, accessed on July 13, 2025, <https://psychologyfanatic.com/locus-of-control/>
 37. What is Locus of Control?, accessed on July 13, 2025, <https://www.usmceu.edu/Portals/218/What%20is%20Locus%20of%20Control%20by%20James%20Neill.pdf>
 38. iep.utm.edu, accessed on July 13, 2025, <https://iep.utm.edu/luck/#:~:text=3.-,Probabilistic%20Accounts,why%20it%20is%20by%20luck.>
 39. Luck and Statistics: Do You Feel Lucky, Punk?, accessed on July 13, 2025, <https://statisticsbyjim.com/fun/luck-statistics/>
 40. Threads of Fate: Luck, Chaos, and Opportunity | by Ahmed Arigbabu | Medium, accessed on July 13, 2025,

- <https://medwonuola.medium.com/threads-of-fate-luck-chaos-and-opportunity-6433f95e3a41>
41. Chaos, Ignorance and Newton's Great Puzzle - Scott H. Young, accessed on July 13, 2025, <https://www.scotthyoung.com/blog/2017/05/03/chaos-factor/>
 42. quantum mechanics - "Randomness" versus "uncertainty" - Physics Stack Exchange, accessed on July 13, 2025, <https://physics.stackexchange.com/questions/247903/randomness-versus-uncertainty>
 43. www.reddit.com, accessed on July 13, 2025, https://www.reddit.com/r/selfimprovement/comments/k34u3u/the_concept_of_luck_in_western_culture_and_our/#:~:text=Western%20culture%2C%20particularly%20in%20the,fortune%20is%20very%20very%20prominent.
 44. The concept of "luck" in western culture and our toxic attitudes towards it - Reddit, accessed on July 13, 2025, https://www.reddit.com/r/selfimprovement/comments/k34u3u/the_concept_of_luck_in_western_culture_and_our/
 45. Merit or Luck? Deconstructing the Myth of Meritocracy | by César Monagas - Medium, accessed on July 13, 2025, <https://medium.com/@cesarmonagasromero/merit-or-luck-deconstructing-the-myth-of-meritocracy-0e1e33818b9e>
 46. Luck vs Merit (Part 2) - David Nussbaum, accessed on July 13, 2025, <http://davenussbaum.com/blog/luck-vs-merit-part-2>
 47. Ideas of luck and superstition vary among cultures around the world, accessed on July 13, 2025, <https://dornsife.usc.edu/news/stories/friday-the-13th-superstitions-and-luck/>
 48. Colors Representations in Different Cultures - GPI Translation Blog, accessed on July 13, 2025, <https://www.globalizationpartners.com/2022/06/29/colors-representations-in-different-cultures/>
 49. Do you feel lucky? How luck shapes how we think the world works - The Brink, accessed on July 13, 2025, <https://www.thebrink.me/do-you-feel-lucky-how-luck-shapes-how-we-think-the-world-works/>
 50. Traditions of Luck and Superstition Around the World - LanguageBird, accessed on July 13, 2025, <https://www.languagebird.com/lucky-traditions-around-the-world/>
 51. How AI is Redefining Luck for Small Businesses - Your AI Wizards, accessed on July 13, 2025, <https://www.youraiwizards.com/post/how-ai-is-redefining-luck-for-small-businesses>
 52. Superstition and Financial Decision Making - Content Delivery Network (CDN), accessed on July 13, 2025, https://bbp-us-e2.wpmucdn.com/sites.uci.edu/dist/c/362/files/2016/08/Superstition_2014_09_14-v6_SSRN.pdf
 53. Balancing Acts: Exploring Risk and Luck Through the Lens of Gender and

- Decision-Making, accessed on July 13, 2025,
<https://dadsinbusiness.co.uk/blog/risk-and-luck/>
54. Concepts - Return On Luck - Jim Collins, accessed on July 13, 2025,
<https://www.jimcollins.com/concepts/return-on-luck.html>
 55. Do the happy go lucky? Research finds people who believe in luck are more unhappy - University of Bath, accessed on July 13, 2025,
<https://www.bath.ac.uk/announcements/do-the-happy-go-lucky-research-finds-people-who-believe-in-luck-are-more-unhappy/>
 56. Is belief in bad luck a harmless superstition, or can it cause significant psychological damage? - A new study explores the fear of misfortune - PRWeb, accessed on July 13, 2025,
<https://www.prweb.com/releases/is-belief-in-bad-luck-a-harmless-superstition-or-can-it-cause-significant-psychological-damage-a-new-study-explores-the-fear-of-misfortune-875433382.html>
 57. What Is Self-Efficacy? (Incl. 8 Examples & Scales) - Positive Psychology, accessed on July 13, 2025, <https://positivepsychology.com/self-efficacy/>
 58. Fooled By Randomness: My Notes - Farnam Street, accessed on July 13, 2025,
<https://fs.blog/fooled-by-randomness/>
 59. 13 Types of Common Cognitive Biases That Might Be Impairing Your Judgment, accessed on July 13, 2025,
<https://www.verywellmind.com/cognitive-biases-distort-thinking-2794763>
 60. This paper is based on a study of 576 lottery winners from 12 states., accessed on July 13, 2025, <https://www.stat.berkeley.edu/~aldous/157/Papers/kaplan.pdf>
 61. Winning the Lottery Case Study - McCrea Financial Services, accessed on July 13, 2025,
<https://www.mccreafs.co.uk/about-us/case-studies/winning-the-lottery-case-study/>
 62. Chapter 2: Psychology of Survival - Frostburg State University, accessed on July 13, 2025,
https://www.frostburg.edu/faculty/rkauffman/_files/images_preppers_chapters/Ch02-Psychology_v2.pdf
 63. Stories of Survival and Remembrance - A call to action for genocide prevention, accessed on July 13, 2025,
<https://www.un.org/en/exhibits/exhibit/stories-of-survival>
 64. Women Leaders and Luck | Center for Creative Leadership, accessed on July 13, 2025,
<https://www.ccl.org/articles/leading-effectively-articles/women-luck-credit-success/>
 65. Best AI Lottery System of 2025? Lottery Unlocked Review Reveals 83% Predictive Accuracy Backed by Quantum Algorithms | Newswire, accessed on July 13, 2025,
<https://www.newswire.com/news/best-ai-lottery-system-of-2025-lottery-unlocked-review-reveals-83-22608032>
 66. List of cognitive biases - Wikipedia, accessed on July 13, 2025,
https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_cognitive_biases
 67. AI Models Share Human Cognitive Biases -, accessed on July 13, 2025,

<https://thomasramsroy.com/index.php/2024/01/02/the-human-cognitive-biases-in-ai/>

68. Super-intelligence or Superstition? Exploring Psychological Factors Influencing Belief in AI Predictions about Personal Behavior - arXiv, accessed on July 13, 2025, <https://arxiv.org/html/2408.06602v3>
69. Hallucination (artificial intelligence) - Wikipedia, accessed on July 13, 2025, [https://en.wikipedia.org/wiki/Hallucination_\(artificial_intelligence\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Hallucination_(artificial_intelligence))
70. AI & Human Perception — Part 2. From Predictive Algorithms to Practical... - Medium, accessed on July 13, 2025, https://medium.com/@danny_54172/ai-human-perception-part-2-a062f1eaa234